



EU, EDUCADORA: REFLEXÕES SOBRE O AVANÇO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO

Me, the educator: reflections on the advance of artificial intelligence in education

Yo, el educador: reflexiones sobre el avance de la inteligencia artificial en la educación

Andréa Aparecida Rodrigues¹

Resumo: Este artigo de opinião tem o objetivo de refletir sobre os desafios enfrentados por uma educadora em meio ao avanço da IA na educação, explorando sentimentos de obsolescência e ao mesmo tempo reafirmando a importância do papel humano no processo de ensino e aprendizagem. A escrita combina vulnerabilidade e resiliência, convidando o leitor a refletir sobre o futuro da educação e o lugar dos professores nesse cenário. O artigo explora as possibilidades de humanização da escola pública por meio da IA, defendendo uma visão otimista e ética do uso da tecnologia na educação. O artigo baseia-se em uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise crítico-reflexiva de publicações acadêmicas, notícias recentes sobre o uso de Inteligência Artificial na educação. Foram selecionadas fontes que contemplam perspectivas nacionais e internacionais, priorizando textos publicados nos últimos cinco anos, a fim de garantir atualidade e relevância. Além da revisão bibliográfica, a argumentação foi construída a partir de comparações entre diferentes experiências de implementação de IA em contextos educacionais, com atenção especial a aspectos éticos, pedagógicos e de equidade. A metodologia adota, portanto, um caráter ensaístico, no qual a seleção e interpretação das evidências se articulam à experiência e ao posicionamento crítico da autora, de forma a sustentar opiniões fundamentadas e promover o debate público.

Palavras-chave: Educação. Inteligência Artificial. Escola.

Abstract: This opinion piece aims to reflect on the challenges faced by an educator amid the advancement of AI in education, exploring feelings of obsolescence while reaffirming the importance of the human role in the teaching and learning process. The writing combines vulnerability and resilience, inviting the reader to reflect on the future of education and the place of teachers in this scenario. The article explores the possibilities of humanizing public schools through AI, advocating an optimistic and ethical view of the use of technology in education. The article is based on a qualitative approach, grounded in the critical-reflective analysis of academic publications and recent news about the use of Artificial Intelligence in

¹ Mestra em Direitos Humanos e Cidadania. UNB (aluna especial no Doutorado) Brasília, DF, Brasil. E-mail: rodrigueandrea55@gmail; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4672395214301777>; ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0006-9210-1213>.

education. Sources were selected that cover national and international perspectives, prioritizing texts published in the last five years to ensure timeliness and relevance. In addition to the literature review, the argument was constructed based on comparisons between different experiences of AI implementation in educational contexts, with special attention to ethical, pedagogical, and equity aspects. The methodology therefore adopts an essayistic character, in which the selection and interpretation of evidence are linked to the author's experience and critical positioning, in order to support informed opinions and promote public debate.

Keyword: Education. Artificial Intelligence. School.

Resumen: Este artículo de opinión tiene como objetivo reflexionar sobre los retos a los que se enfrenta una educadora en medio del avance de la IA en la educación, explorando sentimientos de obsolescencia y, al mismo tiempo, reafirmando la importancia del papel humano en el proceso de enseñanza y aprendizaje. El texto combina vulnerabilidad y resiliencia, invitando al lector a reflexionar sobre el futuro de la educación y el lugar que ocupan los profesores en este escenario. El artículo explora las posibilidades de humanización de la escuela pública a través de la IA, defendiendo una visión optimista y ética del uso de la tecnología en la educación. El artículo se basa en un enfoque cualitativo, fundamentado en el análisis crítico-reflexivo de publicaciones académicas y noticias recientes sobre el uso de la inteligencia artificial en la educación. Se seleccionaron fuentes que contemplan perspectivas nacionales e internacionales, dando prioridad a los textos publicados en los últimos cinco años, con el fin de garantizar su actualidad y relevancia. Además de la revisión bibliográfica, el argumento se construyó a partir de comparaciones entre diferentes experiencias de implementación de la IA en contextos educativos, con especial atención a los aspectos éticos, pedagógicos y de equidad. Por lo tanto, la metodología adopta un carácter ensayístico, en el que la selección e interpretación de las pruebas se articulan con la experiencia y la posición crítica de la autora, con el fin de sustentar opiniones fundamentadas y promover el debate público.

Palabras-clave: Educación. Inteligencia Artificial. Escuela.

Introdução

Hoje, sentada em minha cadeira na minha sala na escola, olho ao redor e vejo um mundo em transformação. A escola pública, meu segundo lar, é um espaço de contradições e possibilidades.

Aqui, convivo diariamente com a realidade de quem busca aprender, ensinar e sonhar em meio a desafios que vão desde a falta de recursos até a pressão de um mundo cada vez mais digital. E sinto o peso e a beleza dessa jornada.

Na escola pública, sinto-me como uma guerreira em um campo de batalha silencioso. De um lado, há a promessa de um futuro brilhante, onde a tecnologia pode abrir portas que antes pareciam intransponíveis. Do outro, há o medo de ser engolida por essa mesma tecnologia, de perder minha essência, minha criatividade e minha humanidade em meio a algoritmos e telas.

Eu, educadora. Em 1998, escolhi essa profissão movida pela paixão de ensinar, de compartilhar conhecimento, de ver os estudantes crescerem e se tornarem cidadãos críticos e conscientes. Mas, hoje, me sinto obsoleta. Não por falta de dedicação ou amor pelo que faço, mas porque o mundo ao meu redor mudou de forma tão rápida e avassaladora que mal consigo acompanhar.

A Inteligência Artificial (IA) chegou às salas de aula, e com ela, uma série de questionamentos sobre o meu papel, minha relevância e meu futuro. A IA e as ferramentas digitais estão por toda parte. Elas prometem personalizar meu aprendizado, tornar as aulas mais dinâmicas e me preparar para um mercado de trabalho que exige habilidades tecnológicas. Mas, às vezes, sinto que essas ferramentas me afastam do que realmente importa: a conexão humana. Como diz Turkle (2015), estamos nos comunicando mais, mas conectados menos.

Não estou sozinha nesse sentimento. Conforme Selwyn (2020) aponta, muitos educadores estão se perguntando como podem competir com sistemas de IA que corrigem provas em segundos, personalizam planos de aula em minutos e oferecem tutoria individualizada 24 horas por dia. Eu, que sempre me orgulhei de conhecer cada um dos meus estudantes, de entender suas dificuldades e celebrar suas conquistas, me vejo diante de máquinas que prometem fazer tudo isso de forma mais rápida e eficiente.

Sinto uma pressão constante para me adaptar, para dominar as novas tecnologias e para me manter relevante em um mundo que muda rapidamente. Mas, ao mesmo tempo, questiono: até que ponto isso é saudável? Até que ponto estou me tornando uma extensão das máquinas, em vez de usar as máquinas como extensão de mim mesma? Como estudante, quero aprender a usar a IA a meu favor, mas não quero que ela defina quem eu sou. Quero ser capaz de pensar criticamente, de questionar, de criar. Quero que a tecnologia me capacite, mas não quero que ela me controle.

A IA não é apenas uma ferramenta, ela é uma revolução. Holmes (2019) descreve como sistemas de tutoria inteligente podem adaptar o conteúdo às necessidades individuais dos estudantes, algo que eu, com minhas limitações de tempo e recursos, nem sempre consigo fazer. E, enquanto eu luto para manter a atenção de uma turma de 40 alunos, essas tecnologias oferecem uma experiência de aprendizado personalizada, como se cada estudante tivesse um professor particular.

Mas será que a IA pode realmente substituir o que faço? Eu me pergunto isso todos os dias. Porque, no fundo, sei que ser educadora vai além de transmitir conhecimento. É sobre construir relações, inspirar confiança, acolher dúvidas e medos. É sobre estar presente, não apenas como uma fonte de informação, mas como um ser humano que se importa.

No entanto, a realidade é dura. Enquanto eu me esforço para manter minha sala de aula relevante, vejo escolas adotando plataformas de IA que prometem revolucionar a educação. Essas ferramentas são sedutoras, elas oferecem dados precisos, análises detalhadas e soluções instantâneas. Mas, como alerta Noble (2018), por trás dessas promessas há riscos que não podemos ignorar. A IA pode perpetuar vieses, reforçar desigualdades e, pior ainda, desumanizar o processo de aprendizado.

Eu me sinto obsoleta, sim. Mas também me sinto desafiada. Porque, se a IA veio para ficar, então eu preciso aprender a conviver com ela. Preciso descobrir como usar essas tecnologias a meu favor, sem perder de vista o que me torna única: minha humanidade. Talvez, em vez de competir com as máquinas, eu possa trabalhar junto com elas. Talvez, em vez de me sentir ameaçada, eu possa me reinventar.

Ainda assim, há uma pergunta que não me deixa em paz: o que será da escola pública em um mundo dominado pela IA? Como garantir que essas tecnologias sejam usadas para promover equidade e inclusão, e não para ampliar as desigualdades já existentes? Como proteger meus estudantes, muitos deles já marginalizados, de se tornarem meros dados em um sistema que não os vê como indivíduos, mas como números?

Eu não tenho todas as respostas. Mas sei que, enquanto houver estudantes que precisam de mim, eu estarei aqui. Porque, no fim das contas, a educação não é sobre máquinas ou algoritmos, é sobre pessoas. E eu, como educadora, ainda acredito no poder das pessoas.

Imagine um cenário em que plataformas de ensino adaptativo, alimentadas por Inteligência Artificial, são a única opção para milhões de estudantes. Parece revolucionário, não? Mas quem controla essas plataformas? Quem define os algoritmos que decidem o que um estudante deve aprender e como deve aprender? Quando a educação é terceirizada para empresas de tecnologia, corremos o risco de entregar o futuro das próximas gerações a interesses privados, que nem sempre priorizam o bem comum (Zuboff, 2019). Não estou dizendo que devemos rejeitar a tecnologia. Longe disso. A IA, os dados e as plataformas digitais podem ser aliados poderosos na luta por uma educação mais inclusiva e de qualidade. Mas

precisamos questionar quem está no comando. Precisamos garantir que a tecnologia sirva aos interesses da sociedade, e não o contrário.

Aqui, eu me permito sonhar. Imagino uma escola pública onde a tecnologia é usada para capacitar professores e estudantes, onde os dados são coletados e utilizados de forma ética e transparente, onde o aprendizado é colaborativo e crítico (Giroux, 1997). Uma escola que não apenas ensine a usar ferramentas digitais, mas que também ensine a questionar quem as controla e para que fins. Enquanto escrevo estas palavras, penso nas crianças que dependem da escola pública para ter uma chance na vida. Elas merecem mais do que ser meras usuárias de plataformas controladas por gigantes da tecnologia. Elas merecem uma educação que as prepare não apenas para o mercado de trabalho, mas para a vida em uma sociedade emancipada (Adorno, 1995).

Humanização da escola pública frente à IA: Utopia ou possibilidade concreta?

Vivemos em uma era paradoxal. A tecnologia avança a passos largos, prometendo um futuro de infinitas possibilidades, enquanto as desigualdades sociais se aprofundam e os valores humanistas parecem cada vez mais distantes. Eu não sou ingênua. Sei que a tecnologia é uma ferramenta poderosa, capaz de conectar, informar e transformar. Mas também sei que, por trás de cada algoritmo, há uma disputa de poder. E é nesse jogo de forças que o conceito de tecno-feudalismo (Varoufakis, 2021) emerge, assustadoramente real, para nos lembrar que nem toda inovação é libertadora. Enquanto isso, a escola pública, espaço historicamente destinado à emancipação, corre o risco de se tornar mais um território dominado por essa nova ordem (Saviani, 1992).

A expressão era tecno-feudal busca capturar a complexidade do momento histórico que vivemos, marcado por uma contradição entre o avanço tecnológico e a persistência de relações de poder que remetem ao feudalismo (Morosov, 2020). A concentração de riqueza, a precarização do trabalho e a desigualdade de acesso aos recursos são apenas alguns dos desafios que se colocam para a educação (Harvey, 1992). Nesse contexto, a escola pública, muitas vezes vista como um espaço de reprodução das desigualdades sociais (Costa, 2020), precisa se reinventar. A massificação do ensino, a falta de recursos e a crescente demanda por resultados imediatos têm levado a uma crise de identidade, que se manifesta na valorização excessiva de

resultados padronizados e na desvalorização do processo de ensino-aprendizagem (Lessa, 2013).

A humanização da escola pública não é uma opção, mas uma necessidade urgente. Significa colocar o estudante no centro do processo educativo, valorizando suas singularidades, suas experiências e seus sonhos. Significa também criar um ambiente escolar que promova o desenvolvimento integral do indivíduo (Morin, 2000), fomentando o pensamento crítico, a criatividade, a colaboração e a empatia. Para alcançar esse objetivo, é preciso superar a visão tecnicista da educação, que reduz o ensino à transmissão de conteúdos e à preparação para o mercado de trabalho (Freire, 1996). É preciso resgatar a dimensão humana da educação, valorizando o diálogo, a troca de experiências e a construção coletiva do conhecimento (Vygotsky, 1978).

Eu confesso: sou uma otimista incurável. Acredito que, mesmo em meio ao caos e às disputas de poder, há espaço para sonhar com um futuro melhor. E quando olho para a Inteligência Artificial (IA), vejo não apenas algoritmos frios e impessoais, mas uma possibilidade – talvez utópica, mas palpável – de humanizar a escola pública. Sim, humanizar. Porque, no fim das contas, a tecnologia não é nada sem a ética, a empatia e a criatividade que nos tornam humanos.

A escola pública, como a conhecemos, muitas vezes é um reflexo das desigualdades que assolam nossa sociedade. Professores sobrecarregados, salas superlotadas, recursos escassos. É fácil perder a esperança. Mas e se a IA pudesse ser usada não para substituir, mas para amplificar o que há de mais humano na educação? E se, em vez de máquinas ditando o ritmo do aprendizado, tivéssemos ferramentas que libertassem os professores para fazer o que fazem de melhor: inspirar, guiar, conectar?

Aqui, eu me permito sonhar alto. Imagine um professor que, em vez de gastar horas corrigindo provas, tem tempo para conversar com seus alunos, entender suas dificuldades, suas histórias, seus sonhos. Isso já é possível. Sistemas de IA, como os descritos por Holmes (2019), podem automatizar tarefas repetitivas, como correção de exercícios e organização de planos de aula, liberando os educadores para se concentrarem no que realmente importa: o contato humano.

Mas a humanização vai além. A IA pode ajudar a criar um ambiente de aprendizado mais inclusivo e sensível às necessidades individuais. Para um aluno com dificuldades de aprendizagem, por exemplo, um sistema de tutoria inteligente pode oferecer explicações

adicionais e exercícios personalizados, sem que ele se sinta exposto ou envergonhado. Para outro, que aprende mais rápido, a IA pode sugerir desafios mais complexos, mantendo-o engajado (Deimainn, 2018). Como bem disse Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. E a IA pode ser uma aliada nesse processo. Embora Freire não tenha escrito especificamente sobre IA, sua obra é frequentemente citada para discutir a importância da humanização na educação e que a tecnologia deve servir como ferramenta para a emancipação, e não como substituta para o diálogo e a interação humana.

Claro, não podemos ignorar os riscos. A IA pode ser desumanizadora se usada de forma errada. Se virarmos reféns de algoritmos que decidem o que é certo ou errado no aprendizado, perdemos a essência da educação: a capacidade de questionar, de errar, de crescer. Mas, como bem lembra Selwyn (2020), a tecnologia não é neutra, ela reflete os valores de quem a cria e a utiliza. E é aí que entra o nosso papel. A escola pública, em sua essência, é um espaço de resistência. É onde crianças e jovens, independentemente de sua origem, têm o direito de sonhar com um futuro melhor.

Mas, em um mundo cada vez mais dominado pelo tecno-feudalismo, esse espaço está sob ameaça. Como bem alertou Han (2022), a lógica do capitalismo de vigilância transforma tudo em mercadoria, inclusive o conhecimento. E quando o conhecimento se torna mercadoria, a escola pública perde sua função social e se torna mais um campo de batalha nas disputas de poder (Bourdieu, 1996).

Eu acredito que a escola pública pode ser o palco de uma revolução silenciosa, onde a IA não é usada para padronizar, mas para personalizar; não para controlar, mas para libertar. Imagine um sistema educacional que reconhece as particularidades de cada aluno, que valoriza suas habilidades únicas e que oferece suporte emocional e pedagógico de forma integrada. Isso não é ficção científica. Já existem iniciativas nesse sentido, como o projeto IA para Educação da UNESCO (2021), que busca garantir que a tecnologia seja usada para promover equidade e inclusão.

Mas, para que isso aconteça, precisamos de políticas públicas visionárias. Precisamos de investimentos em infraestrutura, capacitação de professores e desenvolvimento de tecnologias que priorizem a ética e a privacidade. Precisamos de uma sociedade que entenda que a educação é um direito, não um privilégio.

Eu me recuso a acreditar que o futuro da escola pública está condenado ao tecno-feudalismo ou à desumanização. Acredito que, com as ferramentas certas e a visão certa, podemos construir uma educação que una o melhor da tecnologia com o melhor da humanidade. Uma educação que prepare nossos jovens não apenas para o mercado de trabalho, mas para a vida em uma sociedade mais justa, mais solidária e mais humana. E você? Ainda acredita que é possível? Eu sim. Porque, no fim das contas, a tecnologia é apenas uma ferramenta. O que realmente importa é o que escolhemos fazer com ela.

Mas, para que esse sonho se torne realidade, precisamos de políticas públicas corajosas. Precisamos de governos que priorizem a educação como um direito, não como um mercado. Precisamos de educadores capacitados e valorizados, capazes de mediar a relação entre tecnologia e aprendizado. E, acima de tudo, precisamos que os governos entendam que a escola pública é um dos últimos bastiões contra o tecno-feudalismo.

O tecno-feudalismo não é inevitável. A disputa de poder ainda está em curso, e a escola pública pode e deve ser um espaço de resistência e transformação. Cabe a nós, como sociedade, decidir se a tecnologia será uma ferramenta de libertação ou de dominação. E eu, por minha parte, escolho lutar por uma educação pública que prepare nossos jovens não apenas para usar a tecnologia, mas para questioná-la, dominá-la e, se necessário, reinventá-la.

Percepções de educadores: Entre a esperança e o ceticismo

As percepções dos educadores sobre a IA são ambíguas. Por um lado, muitos veem na tecnologia uma oportunidade para melhorar a qualidade do ensino e reduzir a carga de trabalho. Por outro, há um ceticismo generalizado em relação aos riscos de desumanização e perda de autonomia. Em um estudo realizado por Luckin (2017), professores relataram preocupação com a possibilidade de a IA substituir seu papel, transformando-os em meros supervisores de máquinas (Zuboff, 2019).

A questão de saber se a escola pública está preparada para lidar com o mundo moderno é complexa e exige uma análise multifacetada, considerando os desafios e as oportunidades que a contemporaneidade apresenta. A escola pública, tradicionalmente vista como um espaço de transmissão de conhecimento e formação de cidadãos, enfrenta a necessidade de se adaptar a um cenário marcado pela rápida evolução tecnológica, pela diversidade cultural e pelas demandas de um mercado de trabalho cada vez mais exigente (Demo, 2018).

A era digital, com suas promessas de conectividade e progresso, trouxe consigo uma série de desafios que colocam em xeque a essência da experiência humana. A tirania das tecnologias, embora sutil, molda nossos comportamentos, relações e percepções de mundo, exigindo uma reflexão profunda sobre os impactos dessa crescente dependência tecnológica em nossa humanidade (Zuboff, 2019).

A ubiquidade das tecnologias digitais, desde smartphones até algoritmos que moldam nossos feeds de notícias, cria um ambiente de constante estimulação e distração. A notificação constante, a busca incessante por novidades e a pressão por estar sempre conectado fragilizam nossa capacidade de concentração, reflexão e introspecção. A dependência de dispositivos eletrônicos para realizar tarefas simples e a perda de habilidades básicas, como a orientação espacial ou o cálculo mental, são sintomas de uma crescente alienação tecnológica.

A personalização algorítmica, embora pareça oferecer uma experiência mais personalizada, pode nos aprisionar em bolhas de informação, limitando nossa exposição a diferentes perspectivas e dificultando o desenvolvimento do pensamento crítico. A manipulação de dados pessoais para fins comerciais e políticos representa uma ameaça à privacidade e à autonomia individual.

No entanto, há também uma visão mais otimista. A chave, segundo esses profissionais, está na formação docente e na garantia de que a tecnologia seja utilizada de forma crítica e reflexiva. Os pais são os primeiros educadores. Eles conhecem os filhos como ninguém e têm um papel fundamental no sucesso escolar. Com a IA, surge uma nova oportunidade de envolvimento. Plataformas inteligentes podem fornecer devolutivas em tempo real, permitindo que os pais acompanhem o progresso dos filhos de perto (Williamson, 2017).

É importante ressaltar que a IA não substitui o professor, mas o complementa. O papel do professor continua sendo fundamental para criar um ambiente de aprendizagem estimulante, mediar as interações entre os alunos e promover o desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

Conclusão

A escola pública, para mim, é um espaço de resistência. Aqui, aprendo a valorizar o que é humano. Vejo meus colegas de trabalho lutando para equilibrar o uso da tecnologia com a

necessidade de manter viva a chama da curiosidade e da empatia, buscando seu lugar em um mundo que muitas vezes os ignora.

A humanização da escola pública em um contexto de avanço da IA e disputas de poder é um desafio complexo, mas não intransponível. Como demonstram as percepções de especialistas e educadores, a tecnologia pode ser uma ferramenta incrível para promover equidade e inclusão, desde que utilizada de forma ética e responsável (Castells, 2013). No entanto, é essencial que a escola pública mantenha seu caráter democrático e humanista, resistindo às pressões da privatização e da desumanização (Lessa, 2013). A implementação da IA na escola pública exige um planejamento cuidadoso e a participação de todos os atores envolvidos: professores, alunos, gestores, pais e comunidade. É fundamental investir em infraestrutura, formação de professores e desenvolvimento de políticas públicas que garantam o acesso equitativo à tecnologia e a uma educação de qualidade para todos.

Para isso, são necessárias políticas públicas que priorizem a formação docente, a proteção de dados e a garantia de acesso às tecnologias educacionais. A IA não deve ser vista como um fim em si mesma, mas como um meio para fortalecer a educação pública e garantir que ela continue a cumprir seu papel de transformação social (Costa, 2020).

E eu, no meio disso tudo, sinto-me desafiada a encontrar meu caminho. Quero usar a tecnologia para ampliar meus horizontes, mas não quero que ela defina meus limites. Quero ser uma educadora do século XXI, mas também quero ser uma pessoa inteira, com sonhos, dúvidas e sentimentos.

A escola pública é o palco onde essa batalha silenciosa se desenrola. Aqui, aprendo que a tecnologia pode ser uma aliada, mas não pode ser a dona da minha história. Como educadora, sinto o peso dessa responsabilidade, mas também sinto a esperança de que, juntos, podemos encontrar um equilíbrio. Os estudantes são o coração da escola. Eles chegam cheios de curiosidade, dúvidas e, muitas vezes, desafios que vão além da sala de aula.

Como diz Morin (2000), a educação deve ser um despertar para a complexidade do mundo. E eu quero ser parte desse despertar. Quero usar a tecnologia para transformar o mundo, mas não quero que ela me transforme em algo que não sou.

Como educadora, sempre acreditei que o meu papel vai além da transmissão de conhecimento. Sou uma mediadora, uma facilitadora de sonhos e possibilidades. Com a chegada da IA, sinto que essa missão se amplifica. A IA pode personalizar o aprendizado, identificar dificuldades dos estudantes e sugerir recursos adaptativos (Holmes, 2019). Mas, e o

toque humano? E a empatia? E o olho no olho que acalma um estudante ansioso? Aqui, faço minhas as palavras de Freire (1996) ensinar exige reconhecer que a educação é uma forma de intervenção no mundo. A IA pode ser uma aliada, mas não pode substituir a sensibilidade do professor. Precisamos, como educadores, abraçar a tecnologia sem perder de vista o nosso papel de guias emocionais e éticos.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Editora Unesp, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- COSTA, Marcos. **Educação, Tecnologias e Desigualdades Sociais**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.
- DEIMANN, Markus. **Digitalization and Education**: Key Issues and Debates. Berlin: Springer, 2018.
- DEMO, Pedro. **Atividades de aprendizagem**: sair da mania do ensino para comprometer-se com a aprendizagem do estudante [recurso eletrônico]. Campo Grande, MS: Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul – SED/MS, 2018. Disponível em: <http://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Atividades-de-Aprendizagem-Pedro-Demo.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- HAN, B. C. **Capitalismo e Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.
- HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Editora Loyola, 1992.
- HOLMES, W., Bialik, M., & Fadel, C. **Artificial Intelligence in Education**: Promises and Implications for Teaching and Learning. Boston: Center for Curriculum Redesign, 2019.
- LESSA, Sérgio. **Capital e estado de bem-estar: o caráter de classe das políticas públicas**. São Paulo : Instituto Lukács, 2013.
- LUCKIN, Rose. **The implications of Artificial Intelligence for teachers and schooling**. Occasional Paper – Education for a Changing World Project, NSW. Department of Education, 08 nov. 2017. Disponível em: <https://knowledgeillusion.blog/2017/11/08/education-for-a-changing-world-the-implications-of-ai-for-education/>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- NOBLE, S. U. **Algorithms of Oppression**: How Search Engines Reinforce Racism. New York: NYU Press, 2018.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. Cortez Editora, 2000.

- MOROSOV, E. **Digital feudalism and the critique of capitalism**. New Left Review, 2020.
- SAVIANI, Dermeval. **A Educação no Brasil: História e Crítica**. Campinas: Autores Associados, 2011.
- SELWYN, N. **Should Robots Replace Teachers? AI and the Future of Education**. Cambridge: Polity Press, 2020.
- TURKLE, Sherry. **Reclaiming Conversation: The Power of Talk in a Digital Age**. Penguin Press, 2015.
- WILLIAMSON, Ben. **Big Data in Education: The Digital Future of Learning, Policy and Practice**. Sage Publications, 2017.
- VAROUFAKIS, Y. **O Minotauro Global: América, Europa e o Futuro da Economia Global**. São Paulo: Editora Autonomia Literária, 2021.
- VYGOTSKY, L. S. **Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes**. Harvard University Press, 1978.
- UNESCO. **AI and Education: Guidance for Policy-Makers**. Paris: UNESCO Publishing, 2021.
- ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância: O poder das novas tecnologias e o fim da privacidade**. Zahar, 2019.

Recebido em: 7 de março de 2025
Aceito em: 17 de agosto de 2025
